

## DE LEPROSA A INTERCESSORA: A CRUZ DA FINADA INÊS COMO PROTAGONISTA DAS NARRATIVAS HISTÓRICO-RELIGIOSAS DE VARJOTA-CE

Beatriz Freire Guimarães<sup>1</sup>

Gerllanny Mara de Souza Lopes<sup>2</sup>

Juvandi de Souza Santos<sup>3</sup>

Manoel Odorico de Moraes Filho<sup>4</sup>

### RESUMO

Durante todo Império, o Brasil vivenciou várias epidemias que se proliferaram de forma desordenadas, no Nordeste elas se juntaram aos longos períodos de estiagem e falta de infraestrutura tornando-se responsáveis por milhares de mortes. Entretanto, alguns costumes se estabeleceram a partir dos surtos epidêmicos, passando a constituir a cultura e a identidade religiosa local, comprovando que até mesmo os episódios trágicos constroem práticas que se perpetuam até os dias de hoje e caracterizam um lugar. No distrito de Salgado em Varjota, Ceará, existe a Cruz de Inês destino de romarias, símbolo da religiosidade popular e objeto de estudo dessa pesquisa que baseia-se em leituras especializadas para entender o cenário da época e nas anotações do senhor Genésio Rodrigues Lopes, filho da cidade que entrevistou os moradores locais e registrou os relatos. Ao fim, será possível compreender como uma mulher comum se tornou uma figura milagreira, assim como, registrar a importância do monumento erguido em prol de suas graças.

Palavras-Chaves: Hanseníase; Identidade; Religiosidade popular

---

1 Universidade Federal do Ceará - UFC - Mestranda em Medicina Translacional - profbeatrizguimaraes@gmail.com

2 Universidade Federal do Ceará - UFC - Mestranda Medicina Translacional - gerllannymara@gmail.com

3 Universidade Estadual da Paraíba- UEPB - Prof. Dr. na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB - juvandi@terra.com.br

4 Universidade Federal do Ceará- UFC - Prof. Dr. no Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos- NPDM - odorico@ufc.br



## 1.0 INTRODUÇÃO

“Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo”, palavras do filósofo moderno Voltaire, tal pensamento nos leva a refletir sobre a crença em Deus. É a fé, principalmente em tempos de crises, que faz brotar no homem a esperança e a força para enfrentar as dificuldades tornando-se o suporte emocional que muitos precisam para sentirem-se confiantes em seus dias.

No Brasil oitocentista, as epidemias eram situações recorrentes na vida do povo, castigando ainda mais uma população já sofrida que em meio ao desespero encontrou na fé o último recurso contra inimigos tão cruéis. Segundo Guimarães e Souza (2021):

Quando nos referimos às doenças, pode se notar que a fragilidade ultrapassa o sentido corporal. A sensibilidade humana aumenta e nesse momento de incertezas há uma aproximação com o divino na tentativa de salvação ou de resolução dos problemas a fim de renovar as energias identificar signos e aprender a lidar com as situações trazendo para elas novos significados buscando superar o sofrimento (GUIMARÃES E SOUZA, 2021, p.89).

É importante ressaltar que nessa época no Brasil a preocupação com a saúde era quase inexistente, a falta de infraestrutura e carência de médicos principalmente no interior das províncias, levava à população recorrer a curandeiros, boticários que viajavam de maneira informal ou remédios caseiros, que por vezes, se mostravam ineficazes.

Na busca pela cura a fé floresce como um alarido de esperança, implorando a misericórdia divina pelo fim do mal, e se materializa através de promessas pagas a santos que, para atingir a graça, em troca se erguiam monumentos como capelas e cruzeiros para homenageá-los ou lhes concediam o título de padroeiro da cidade. A exemplo, cita-se o Estado da Paraíba que conta com mais de 30 cidades que veneram Santos devido os surtos epidêmicos que assolaram suas terras<sup>5</sup>.

Muitas dessas construções se tornassem eixo de futuros núcleos urbanos, isso porque casas foram edificadas e feiras passaram a ser realizadas em volta dessas igrejas, assim como as festas para homenagear seus padroeiros marcadas por uma mistura de “Divino e profano”, tendo em vista que além das missas e procissões, os eventos contam com parques, shows de músicas seculares, leilões e etc.

As festas de padroeiros são marcas registradas das cidades interioranas, estimulando a economia local, fortalecendo a religiosidade, constituindo um patrimônio cultural referencial para os habitantes da localidade em que são realizadas.

---

5 Tabela com os municípios localizada no livro A morte desprezível: História e arqueologia dos antigos cemitérios de Bexiguentos da Paraíba de Beatriz Freire Guimarães e Juvandi de Souza Santos. 2021.



Os patrimônios materiais e imateriais erguidos em períodos epidêmicos caracterizam uma comunidade. “Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de ter uma fé em comum” (DURKHEIM, 1982, p. 46), criando a sua identidade fazendo com que o indivíduo se sinta participante da cultura em que está inserido.

Nesse sentido as epidemias, foram responsáveis por criarem um amplo patrimônio cultural material e imaterial, o medo do contágio e o alto índice de mortos modificaram as práticas fúnebres e restabeleceram antigos costumes como a exclusão do doente. As vítimas de doenças como a cólera e varíola eram sepultadas sem cerimônias de despedida, alguns em cemitérios clandestinos chamados de cemitérios de bexiguentos onde eram largados em covas rasas sem nenhuma identificação, já os portadores de hanseníase tal qual a idade média eram excluídos do convívio social.

No Ceará, percebe-se que algumas cidades procuram preservar a memória dos mortos por epidemias, criando santuários para as vítimas da Cólera em Tauá, atual ponto turístico da cidade, ou ainda em Jaguaribara que, destinou um espaço de romaria em memória aqueles que padeceram do mesmo mal, o Cemitério das Almas<sup>6</sup> e a Cruz de Inês em Varjota.

Esses espaços são signos da resiliência humana num tempo onde o conhecimento da medicina era precário e da religiosidade popular, o estudo desses locais traz à tona informações sobre antigos sujeitos ditos como comum além de enaltecer a história local. Sendo assim, esse trabalho se debruça sobre A Cruz de Inês, destino de romaria e cumprimento de promessas no município de Varjota/Ce, objetivando retratar o potencial científico e turístico da Cruz de Inês, ressaltando o combate à hanseníase no Ceará.

A metodologia aplicada à pesquisa baseia-se em leituras especializadas e registros feitos pelo sr<sup>o</sup> Genésio Rodrigues Lopes, filho da cidade, durante algumas entrevistas realizadas com os moradores locais, é importante enfatizar que o mesmo cedeu as informações em prol da ciência. Agradecemos a ele e a CAPES por proporcionar as condições necessárias para produção deste artigo.

## 2.0 BREVE RELATO DE COMO A HANSENÍASE ERA VISTA

A hanseníase, também conhecida como lepra ou mal de Lázaro, é uma doença infecto-contagiosa de evolução crônica que se manifesta, principalmente, por lesões cutâneas com diminuição de sensibilidade térmica, dolorosa e tátil.

De acordo com Ujvari (2021,p,174) “O material genético da bactéria revela sua origem no Oriente Médio, na Índia ou nas proximidades do Egito”, foi introduzida na Europa durante o processo de expansão romana e teria sido levada para a Itália pelas legiões de Pompeu ao regressarem do Egito em 61 a.C.

---

6 Leitura sobre Jaguaribara no artigo Submersos por águas, cholera e pairando entre lembranças ou esquecimentos: o cemitério dos bexiguentos da velha Jaguaribara- CE e o atual cemitério das almas, 2023.



Assim, aos poucos a doença se espalhou pela Europa, permanecendo endêmica por doze a quinze séculos (BÉNIAC,1985). Todavia é com o advento das cruzadas que ocorre uma maior incidência de casos da doença na Europa. No Novo Mundo, assim como tantas outras, a lepra(hanseníase) chegou nos traslados das embarcações colonizadoras, os primeiros casos da moléstia registrados no Brasil foram ainda no ano de 1600 na cidade do Rio de Janeiro.

A igreja católica, tal como nas metrópoles, comandava a vida cotidiana da população, logo, tomou a frente no controle dos enfermos da hanseníase atribuindo o mal a ira de Deus contra os pecados cometidos pelos homens, não era à toa que os cuidados com os pacientes eram confiados aos religiosos, mas a medicina atrasada da época pouco sabia sobre a transmissão da doença e “As dúvidas que rondavam os decanos científicos, entre a população, tornavam-se a certeza de que a Lepra era um terrível mal, uma punição divina” (SERRES, 2004, p.38).

Esse pensamento passou a ser combatido quando Armauer Hansen descobriu em 1873 a existência do *Mycobacterium leprae*, ou bacilo de Hansen, bactéria que causava a doença desfazendo a concepção mítico-religiosa da enfermidade. a descoberta de Hansen revolucionou o mundo científico, porém não foi capaz de combater uma outra doença tão grave quanto a lepra, o preconceito dos homens.

O medo da doença era inevitável e milenar, na Idade Média os bens do doente eram confiscados pela Igreja e ele era condenado a vagar sozinho, utilizando um sino que avisaria sobre sua proximidade e um cajado para que se mantivesse à distância (MEDEIROS, 2020, p. 61), no Brasil o doente era expulso de casa, em alguns casos com toda família, segundo o depoimento oral concedido por G. B, em 22 de janeiro de 2002, de um jovem de 15 anos internado compulsoriamente no Hospital Colônia Santa Teresa em dezembro de 1940:

Naquela época era o Dr. G. Fez exame, tudo, fez exame. Aí foram embora e depois de muito tempo ainda voltou já com a ambulância para pegar nós. Foram lá colher material, tudo, não é? (...) A ambulância era fechada, tipo de uma melancia: tipo de uma melancia só com uma venezianazinha assim do lado, só. Tudo fechado. Para não sair, decerto (...). Aquela coisa da doença! A doença era um bicho! (...) Tinham avisado:

–Nós vamos buscar vocês tal dia! (...)

– Sim, mas nós vamos levar nossas coisas!

– Não, não! Como vocês estão vocês embarcam no carro!

– Não! Mas tem que levar roupa!

– Não leve nada daí!

Aí meu pai ainda pegou o documento da casa e guardou, não é? Guardou no bolso. Foi só o que aproveitou. O resto foi botado fogo na casa. Queimaram, não é? (...). Foi só virar as costas, derramaram gasolina lá, ou querosene, não sei o que foi e botaram fogo. (...) O terreno era dos meus pais, é claro. Mas aí ele vendeu. Aí ficou aborrecido, não é, da vida, porque mataram uma casa boa, uma casa de material de coisa, não é? Queimaram (...). Foi tudo. Ficou galinha, ficou... Dentro da casa ficou farinha, ficou feijão, ficou aquelas coisas que... De lavrador. Que nós éramos lavradores, não é? Do ano todo. Tinha um caixão cheio de feijão, noutra caixão cheio de farinha. Aquilo ficou tudo, aquilo queimou tudo, tudo, tudo, as coisarada ficou tudo. Roupa, roupa (...), guarda-roupa queimaram tudo. Só ficou as



quatro paredes. As paredes ficaram em pé. O resto foi tudo queimado.

A comprovação da bactéria como causadora da epidemia fez emergir a teoria de que o isolamento nas grandes instituições (leprosários) seria o meio mais adequado de se lidar com a doença, no Brasil essa prática foi introduzida principalmente nos anos de 1924 a 1962, porém, a real diferença em relação a queda no número dos casos se deu após um trabalho de educação higiênica, que ao contrário da internação forçada, não assustava os doentes . Para Fornazari (2005):

As atividades dos comitês se detinham a visitas domiciliares, esclarecendo os doentes e familiares sobre os cuidados a serem tomados dentro de casa, tais como o uso de talheres, pratos e roupas, além de ser solicitado que o enfermo dormisse em aposento individual (...) Obviamente, esse tipo de tratamento se constituía menos estigmatizante e tinha maior aceitação por parte dos envolvidos, se comparado àquele fundamentado na introdução do enfermo em instituição asilar ( FORNAZARI, 2005, p.48).

Os descasos com aqueles que eram internados se estendiam aos familiares, que não recebiam notícias de seus entes isolados, nem mesmo sobre óbitos e sepultamentos. De acordo com Previdelli (2019)

“De 1936 a 1948, ninguém da minha família (meus avós, meus tios, meus pais) sabiam onde ela estava, porque nunca chegava uma carta de lá.” E quando os familiares decidiram escrever, essa correspondência caiu justamente na mão de uma amiga dela que estava internada no mesmo quarto, que os avisou“Ai a resposta chegou de volta: Ah, ela faleceu e faz tempo. E ninguém da minha família soube como, não teve contato com o corpo. Se eu for lá procurar, eu não vou achar a sepultura da minha tia”, relata Jaime. “É uma coisa que eu carrego. Um rancor muito grande do desrespeito dos governantes, da direção, de quem quer que seja. É uma coisa que me revolta muito”(PREVIDELLI, 2019, n.p).

Em Fortaleza - CE, os leprosos foram afastados do convívio em sociedade não apenas por medo do contágio, mas também pelo processo “civilizatório” no qual a capital cearense estava imersa.

Em Fortaleza, capital do Ceará, assistiu-se também, a partir mesmo da segunda metade do século XIX e com mais intensidade durante a Primeira República (1889- 1930), a semelhantes tentativas de regeneração urbana. Problematizando a existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido e civilizado, um movimento considerável de discursos e práticas emergiu e procurou – sobretudo através de estratégicas medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas – ordenar seu espaço e disciplinar sua população (PONTE, 2001, p.17).



Apesar dos os esforços governamentais os problemas de urbanização e saúde pública perduram, em 1921 o Ceará cria o Serviço de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas (SPLDV) para combater essas enfermidades, porém, diante a virulência da Sífilis, a hanseníase passou a ser uma questão secundária. Assim muitos leprosos passaram a vagar pelas ruas favorecendo a incidência de casos da doença. Não demorou para que o Jornal O Nordeste passasse a fazer publicações exigindo mais atenção das autoridades, pressionando a construção do primeiro leprosário do Ceará.

Vale ressaltar que esses espaços para isolar os leprosos foram sendo edificados e/ou ampliados, sem a observância às condições profiláticas necessárias ao combate efetivo da doença: restou a impressão que mais importante que tudo era isolar o doente. (LIMA, 2007, p.112).

Nesse sentido, o terreno considerado mais apropriado para a construção foi o da Colônia Cristina, local edificado para abrigar uma grande quantidade de órfãos vítimas da grande seca de 1877 a 1879, por ser distante da capital (80 km), posteriormente o lugar passou a receber os portadores de hanseníase, no dia primeiro de agosto de 1928 foi inaugurado o leprosário de Canafístula.

O doente era obrigado a deixar tudo para trás e dar adeus a todos, recolhendo-se à Colônia. Tereza Moreira Cardoso expôs o que sentiu ao deixar sua família aos 10 anos de idade, para ser internada compulsoriamente no leprosário. segundo Dieb (2019), Tereza relatou que:

“Todos os dias me lembro do som do trem que me trouxe pra cá. Tive que deixar minha mãe, meus irmãos, minha cidade para começar o tratamento aqui. Cheguei aqui criança. Quando completei 14 anos, conheci na colônia meu marido, a gente passou pouco tempo junto porque ele morreu muito novo e a gente não teve filhos. Minha vida sempre foi cheia de solidão” (DEIB, 2019, n.p).

A internação compulsória só deixou de ser obrigada em em 1962, Atualmente o local abriga um memorial sobre a hanseníase no Estado, mostrando a transformação histórica do lugar e a evolução do tratamento da doença, aproximando os visitantes da experiência, que afetou milhares de brasileiros ao longo do século XX.

Contudo esse não é o único lugar de memória voltado às vítimas do mal de Lázaro, o município de Varjota, interior do Ceará, preserva de forma muito singela, mas repleta de significados e religiosidade, a Cruz de Inês, túmulo de uma moradora que no pós morte se fez intercessora junto a Deus para sua comunidade.

### 3.0 A CRUZ DE DONA INÊS

Varjota é uma pequena cidade localizada no norte do Ceará a 260 km de Fortaleza, capital do Estado,



sua origem é atribuída a construção de uma capela em honra a Sant'Ana entre os anos de 1834 e 1840, consagrada como padroeira da cidade.

O crescimento da população nos arredores da velha fazenda [fundada pelo Pe. Macário] e a excelente qualidade do solo contribuíram para o tímido medrar da pequena Vila em meados do século XIX, cuja atividades socioeconômicas estava atrelada às fazendas próximas, como Carnaubinha, Grosso, Riacho do Meio e Tanques. (FARIAS, 2010, p.12).

Desde o início da colonização tornou-se um costume colocar as cidades sob a égide de um santo protetor, em muitas delas a população realiza festas em homenagem ao seu padroeiro, assim como romarias em louvor àqueles que ela considera milagreiros evidenciando a religiosidade do povo. Varjota é um reflexo dessa religiosidade, mais especificamente no distrito de Salgado onde existe a cruz da finada Inês.

Acometida por hanseníase, a senhora Inês permaneceu sob os cuidados do esposo José Borges até o dia do seu óbito, após sepultar sua esposa na calada da noite José Borges, manifestou o desejo de ser enterrado no mesmo local.

Segundo as narrativas orais dos moradores, várias crianças pagãs foram sepultadas próximas a Inês, desse modo, o lugar apresenta-se também como um cemitério de anjinhos.

Ao que se refere a prática de enterrar crianças pagãs em espaços clandestinos próximos aos túmulos dos mártires são resultantes das antigas tradições e entendidos como ilegais e condenados pela Igreja Católica e os poderes civis (BARROSO, 1989, np), no entanto foi construído ali uma singela capelinha que atualmente é frequentado por pagadores de promessas.

Quando as pessoas adoecem, invocam a finada Inês para que ela interceda junto a Deus e assim possam obter a graça, após pedido atendido, como forma de pagamento são deixados na capela tufo de cabelos, pernas, braços e cabeças esculpidos em madeira, evidenciando o que o antropólogo francês Marcel Mauss (2006) chamou de teoria da reciprocidade, que seria realizar algo para ter em troca o que se almeja. Quando tem bastante peças de madeira, elas são queimadas em uma fogueira.

Atualmente o local está sob o cuidado do senhor Luiz Matias e faz parte da história de Olho d' água dos Trajano. O fato de dona Inês ser vista como intercessora, pode está associada a seu comportamento em vida, guiados pelos ensinamentos da doutrina cristã, como menciona Oliveira (2021):

(...) pessoas comuns que se tornaram especiais e intercessoras para nós porque acreditaram em Deus e buscaram viver de acordo com o coração do Redentor (...) nos inspira a acreditarmos que, se foi possível para eles, pode ser também para nós. Os santos, mártires, beatos, veneráveis etc. não formam uma elite, são os que souberam responder ao convite de Deus para viver os valores evangélicos, especialmente a caridade, pois dificilmente alguém alcança a santidade sem experimentar e distribuir o amor, sem vencer a tentação da autorreferencialidade e

sem reconhecer em seu próximo o rosto do Criador” ( OLIVEIRA, 2021, p. 10).

Atualmente a capelinha não se encontra tombada por nenhuma instituição de forma que garanta por lei sua preservação, mas a memória coletiva do povo faz com que o patrimônio material e imaterial permaneçam através das gerações, reafirmando a identidade religiosa de maioria cristã católica da comunidade. Seguem abaixo as figuras da parte externa (Figura 1) e interna (Figura 2) do túmulo de Dona Inês.

Figura 1- Monumento da Cruz da Finada Inês em Varjota- CE.



*Cruz da Finada Inês- Salgado, município de Varjota-Ce*

Créditos: Genésio Rodrigues Lopes.

Figura 2 - Parte interna do monumento da Cruz de Inês.



Créditos: Genésio Rodrigues Lopes.



## 4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cruz de Dona Inês é uma expressão da fé popular que merece a devida atenção, principalmente por meio da Educação Patrimonial, e estudos que possam revelar o potencial econômico e turístico do local, basta lembrar de cidades como Juazeiro do Norte e Canindé destinos de romarias tais como a Cruz de Inês.

Não podemos esquecer que as peregrinações a locais sagrados juntamente com as festas, são expressões da religiosidade do povo, que com o devido cuidado podem agregar valores a economia valorizando o trabalho artesanal dos artistas locais, uma vez que o turismo religioso se apresenta como um dos segmentos que mais cresce atualmente no Brasil. Vale salientar que tal monumento ainda é um símbolo da identidade da comunidade e reafirmação de sua fé sendo a maioria católica regada pela cultura popular rica no interior do Estado, tornando-se digno de registros e estudos de diferentes naturezas para alimentar o sentido de pertencimento e cidadania dos varjotenses.

## AGRADECIMENTOS

A CAPES e ao Sr. Genesio Rodrigues Lopes, nossos sinceros agradecimentos por fornecer as condições e os materiais necessários para essa análise.

## 5.0 REFERÊNCIAS

BARROSO, Oswald. **Romeiros**. Crato: URCA, 1989.

BÉNIAC, F. O medo da Lepra. In: GOFF, L. **As doenças têm história**. Portugal: Terramar, 1985.

DIEB, Martina. **Com 91 anos de história, antigo leprosário acolhe pacientes remanescentes**. Site da SESA, 2019. Acesso em: 16 ago. 2023.

FARIAS, Gilmara Rejane. **Varjotararas**. Sobral: Sobral Gráfica, 2010.

FORNAZARI, Débora Michels Mattos e Sandro Kobol. **A lepra no Brasil: representações e práticas de poder**. Cadernos de Ética e Filosofia Política, Florianópolis, 2005. Acesso em: 16 ago. 2023.



GUIMARÃES, Beatriz Freire. **A morte desprezível: História e arqueologia dos antigos cemitérios de bexiguentos da Paraíba.** Beatriz Freire Guimarães/Juvandi de Souza Santos, Editora Cópias e Papéis, Queimadas- PB, 2021.

LEMOS. **Elementos de religiosidade na exposição do memorial hci a lepra e o discurso da caridade cristã.** Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 58-75, 2020.

LIMA, Zilda Maria Menezes. **O grande polvo de mil tentáculos: a lepra em Fortaleza (1920-1942).** Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. In. Sabourin Eric. **Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade.** Revista brasileira de ciências sociais, ANPOCS, Caxambu, v. 23, n. 66, 2006.

MEDEIROS , Helena Thomassim; SERRES, Juliane Conceição Primon; RIBEIRO, Diego

OLIVEIRA, Luiz Carlos de. **Santidade Redentorista: Santos, Beatos, Veneráveis e Servos de Deus Redentoristas.** São Paulo: Santuário, 2021.

PONTE, Sebastião. **Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930).** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PREVIDELLI, Fábio. **HANSENÍASE: COMO ERA A VIDA DE QUEM TINHA LEPROSA NO BRASIL?** Site Aventuras da História, 11 nov. 2019. Acesso em: 16 ago. 2023.

SERRES, Juliane Conceição Primon. **“Não Caminhamos Sós”: Hospital Colônia Itapuã e o Combate à Lepra no Rio Grande do Sul (1920-1950).** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

VOLTAIRE. **História de Jenni ou O ateu e O Sábio.** Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 49: Editora Escala, 2010.